

## **O USO DA HISTÓRIA ORAL COMO INSTRUMENTO DE ANÁLISE DO *HABITUS* E DA REPRODUÇÃO SOCIAL NO AGRESTE:**

Um estudo sobre os *sitiantes* do município de Queimadas (PB)

## **THE USE OF ORAL HISTORY AS AN ANALYSIS TOOL OF *HABITUS* AND SOCIAL REPRODUCTION IN AGRESTE:**

A Study about the sites from Queimadas (PB)

*ANNAHID BURNETT*<sup>1</sup>

*FRANCISCO FAGUNDES DE PAIVA NETO*<sup>2</sup>

*EDMILSON DAS CHAGAS LIRA*<sup>3</sup>

### **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo suscitar reflexões sobre a história oral de vida como instrumento para analisar o *habitus* de classe (Bourdieu, 2005) e a *reprodução social* (Marx, 1959) do grupo dos *sitiantes* da região do Agreste, nas últimas décadas. Temos, como recorte inicial de pesquisa, os resultados obtidos no município de Queimadas, no entorno de Campina Grande, na Paraíba, usando a metodologia de história oral de vida (Meihy, 2005), através das transcrições das entrevistas livres com os agentes sociais. Observamos que esses atores sociais migraram da atividade do roçado no sítio para a atividade de produção domiciliar de confecções em geral, mantendo a mesma organização social do trabalho trasladada do rural para o urbano.

**Palavras-chave:** História oral de vida. *Habitus* de classe. Reprodução Social.

### **ABSTRACT**

This article aims to raise reflections on the oral history of life as an instrument to analyze the class *habitus* (Bourdieu, 2005) and social reproduction (Marx, 1959) of the group of rural workers in the Agreste region in recent decades. We have, as an initial research cutout, the results obtained in the municipality of Queimadas, around Campina Grande, Paraíba, using the methodology of oral history of lives (Meihy, 2005), through transcripts of free interviews with social

---

<sup>1</sup> Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande. Professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Estadual da Paraíba (PPGDR/UEPB/PNPD). *E-mail:* [aburnett8@gmail.com](mailto:aburnett8@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande. Professor do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). *E-mail:* [chicofagundes@gmail.com](mailto:chicofagundes@gmail.com).

<sup>3</sup> Graduado em Licenciatura em Sociologia. Estagiário PIBIC do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR/UEPB). *E-mail:* [edmilsonfilho22@gmail.com](mailto:edmilsonfilho22@gmail.com).

agents. We observed that these social actors migrated from the farming activity to the activity of household production of clothing, maintaining the same social organization of work transferred from rural to urban.

**Keywords:** Oral History of life. Class habitus. Social reproduction.

## INTRODUÇÃO

O Agreste foi tardiamente povoado apesar de suas condições climáticas favoráveis e sua proximidade com a zona canavieira. Somente após a expulsão dos holandeses, a liquidação do Estado Negro (Quilombo dos Palmares) e das comunidades indígenas (Confederação dos Cariris) no século XVII, surgiram as sesmarias, como sistema de colonização, em áreas que antes fora do domínio do governo português. Os governadores passaram a doar sesmarias nas ribeiras do rio Paraíba do Norte, que se constituíram em grandes propriedades com extensão superior a 10.000 hectares, propícias à criação de gado destinado ao abastecimento dos engenhos (CORREIA DE ANDRADE, 2005).

No começo do século XVIII a freguesia de Campina Grande era um centro de comércio do gado, porta de penetração para o sertão paraibano. A população do Agreste era carente e limitava-se a cultivar o algodão, o milho, o feijão, a mandioca e a cana-de-açúcar para fazer mel e rapadura. O gado era destinado ao mercado interno e a população pobre ganhava a vida, ora com o comércio do gado em Campina Grande, ora pastorando o gado dos senhores-de-engenho, que ia passar o “inverno” no Agreste. Na segunda metade do século XVIII o algodão torna-se uma das principais culturas agrícolas do Nordeste até meados do século XX (CORREIA DE ANDRADE, 2005).

Esta pesquisa aborda a população pobre do Agreste e à sua reprodução social (Marx, 1959), após o declínio do algodão, no fim do século XX e começo do século XXI. Neste artigo apresentaremos como recorte os resultados da pesquisa em âmbito de pós-doutorado em Desenvolvimento Regional, realizada no município de Queimadas, próximo de Campina Grande. Como metodologia adotamos a história oral de vida (MEIHY, 2005), através de entrevistas livres utilizando uma linha do tempo a partir dos ancestrais, avós e pais, tentando analisar o habitus de classe (BOURDIEU, 2005) dos agentes sociais que se estabeleceram numa nova atividade domiciliar, a produção de confecções em

geral. Observamos, que esta nova atividade se apresentou como forma de driblar as secas cíclicas e evitar as migrações, reproduzindo a organização social do trabalho domiciliar e familiar originária das atividades agropastoris.

## 1. A CIDADE DE QUEIMADAS NO AGRESTE PARAIBANO

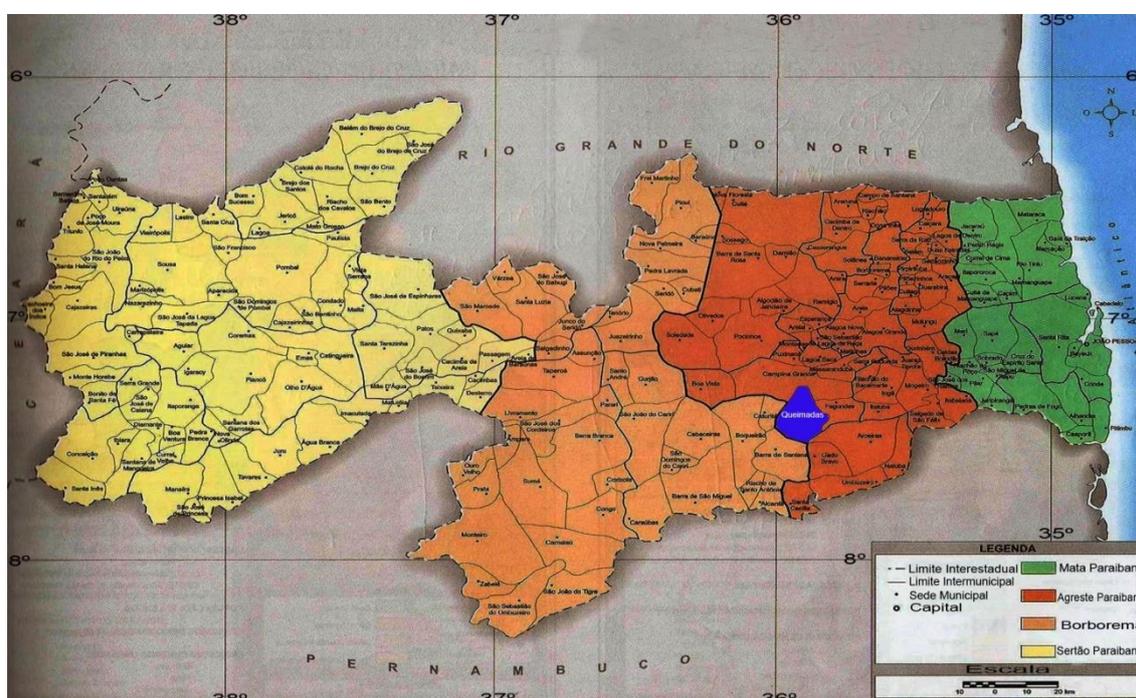
Foi a partir do sistema de doação de terras, a sesmaria, que o bandeirante baiano Pascácio de Oliveira Ledo, membro da principal família colonizadora do Sertão paraibano a serviço do rei de Portugal recebeu em 1712 a regulamentação das terras que viriam, após um processo lento, se tornar o município de Queimadas (LOPES, 2015). Para Lopes (2015), o nome Queimadas está relacionado às velhas práticas dos criadores de gado da redondeza, os quais costumavam queimar macambira, uma cactácea da região, que quando queimada servia de alimento para o gado na época da estiagem. Na versão de Sobrinho (2006, p. 169), “Queimadas foi fazenda de criar do Capitão Pascácio de Oliveira Ledo. O nome resultou do fogo que devorou as terras incultas do sítio local, iniciativa essa do já citado agricultor”. Porém, a tradição oral narrada pelos moradores mais antigos do município difere dos raros documentos oficiais quanto ao nome do local, supostamente Queimadas era o nome usual do local já na época da colonização.

De acordo com Mariz (2007), foi no município de Queimadas onde se ergueu a primeira bolandeira, máquina de descaroçar algodão, em tração animal, da região de Campina Grande no ano de 1865. A Paraíba chegou a liderar a produção algodoeira no Brasil, que era escoada de trem, de Campina Grande, desde o início do século XX, para abastecer a indústria têxtil do Recife e para ser exportada através do porto do Recife.

As atividades agropastoris que foram desenvolvidas na história social do município contribuíram para que a região ficasse na primeira posição de maior população rural do estado, muito embora esse número venha caindo gradativamente. Em 1970, por exemplo, Queimadas tinha 21.258 habitantes, dos quais 18.248 moravam nos sítios e a população urbana era de apenas 3.010 pessoas. Nos dados de 1980 as populações rurais e urbanas cresceram, Queimadas chegou à 25.473 habitantes, dos quais 19.704 moravam no campo

e o restante, 5.769, na “rua” (sede do município). Já os dados de 1990 são os seguintes: a população do município era de 33.555 habitantes, 20.741 residiam na zona rural e 11.814 na zona urbana (IBGE/96). Em termos percentuais nota-se uma queda, muito embora não acentuada, na população rural do município, mas, o que chama a atenção mesmo é o aumento significativo da população urbana. O último censo do IBGE de 2010 mostrou que o município ocupa a posição 105º na taxa percentual de população residente em situação domiciliar rural, o que equivale a 45,6% de seus 41.049 habitantes.

**Figura 1 - Localização geográfica do município de Queimadas – PB.**



Fonte: Tavares, 2017.

## 2. HABITUS DE CLASSE E REPRODUÇÃO SOCIAL: HISTÓRIA ORAL DE VIDAS EM QUEIMADAS (PB)

No argumento de Marx (1959), qualquer que seja a forma social que o processo de produção resulte, ele deve ser contínuo ou repassar periodicamente pelas mesmas fases. Uma sociedade não pode cessar de produzir, nem mesmo de consumir. Considerado, não sob seu aspecto isolado, mas dentro do curso de sua renovação incessante, todo processo de produção social é, então, ao

mesmo tempo, processo de reprodução.

A instituição e desenvolvimento da produção de confecções foram processos relacionais associados às práticas socioeconômicas emblemáticas do Agreste – as feiras livres e ao trabalho familiar na unidade produtiva domiciliar, como práticas reprodutivas da cultura agropastoril transplantada para a confecção com o objetivo de garantir a reprodução social desse grupo social encontrado nos sítios (BURNETT, 2016).

Segundo Bourdieu (2005), o habitus seria um conjunto de esquemas implantados desde a primeira educação familiar em contato com a comunidade ou a sociedade, e constantemente repostos e reatualizados ao longo da trajetória dos agentes (social restante), que demarcaram os limites à consciência possível de ser mobilizada pelos grupos e/ou classes, sendo assim responsáveis pelo campo de sentido em que operam as relações de força. Compartilham das inúmeras competências que perfazem seu capital cultural, como uma espécie de princípio que rege as trajetórias possíveis e potenciais das práticas. Em consequência, as ações coletivas de um grupo ou de uma classe aparecem como produto de uma conjuntura, do domínio simbólico, dos princípios dominados pelo habitus de classe. No entendimento de Dylan Riley (2019, p. 183):

Teorias macrosociológicas são caracterizadas por sua ambição explicativa. Em particular, elas têm três características: elas relacionam divisões estruturais na sociedade a comportamentos observáveis; elas desenvolvem explicações para o porquê, haja vista estas divisões, as sociedades conseguem se reproduzir; e elas esboçam os processos por meio dos quais as sociedades mudam. Quando bem-sucedidas, essas teorias então oferecem alguma explicação sobre estratificação, reprodução e mudança sociais (RILEY, 2019, p. 183).

Tentaremos, através deste arcabouço teórico, iluminar as transformações que estão ocorrendo no Agreste desse grupo social de origem sitiante, considerando uma leitura do habitus como estruturas estruturadas estruturantes. Este percurso metodológico leva-nos a refletir em processos sociais passíveis de mudanças de trajetórias produtivas dos agentes sociais em relação com as estruturas econômicas como vias para a própria reprodução social ou reconfiguração social da condição de classe.

### 3. METODOLOGIA DA PESQUISA

De acordo com Meihy (2005, p. 147), “a história oral de vida, como o próprio nome indica, trata-se da narrativa do conjunto da experiência de vida de uma pessoa”. Na história oral de vida o sujeito tem maior liberdade para narrar sua experiência pessoal e mais espaço para dissertar sua história e sua experiência, que deve ser o alvo principal das histórias orais de vida.

Porque a história oral de vida, ao trabalhar com a experiência, sugere entradas para o entendimento do espaço pessoal subjetivo, supõe-se haja também um roteiro menos factual e mais vinculado a outras alternativas que relevam, por exemplo, as narrativas pessoais através de impressões, sentimentos, sonhos. Ou seja, o caminho da narrativa não precisa necessariamente obedecer à continuidade material dos fatos (MEIHY, 2005 p.148).

Mesmo não sendo a única forma de condução das entrevistas de história oral de vida, a “linha do tempo” tem sido a mais usada, por isso as perguntas devem ser amplas. Segundo Meihy (2005), “quanto menos o entrevistador falar, melhor. A participação do entrevistador deve ser sempre estimuladora e jamais de confronto”. A história oral de vida é um recurso importante para entender a sociedade em seus aspectos íntimos e pessoais.

Uma história de vida deve contemplar alguns aspectos gerais do comportamento social dos colaboradores. Questões como vida social, cultura, situação econômica, política e religião devem compor a história de quem é entrevistado. De igual relevância é o alcance possível de ser feito em termos de vida privada e vida pública (MEIHY, 2005 p. 151).

Essas relações sociais, quanto aos âmbitos privado e públicos permitem ao pesquisador uma análise das dinâmicas de pertencimento originárias e de escolha dos agentes no transcurso das suas trajetórias e das suas situações e posições de classe. As entrevistas trazem assim um dialogismo capaz de conduzir a avaliações do próprio narrador das suas experiências e as do pesquisador sobre as pertencas e relações sociais.

## 4. ANÁLISE DA FONTES ORAIS

### 4.1. “Trabalha comigo ou a família de casa ou a família da igreja”

“Dos meus avós eu não tenho muita lembrança, porque a minha mãe ela ficou sem a mãe dela muito cedo, sabe? Aí ela só tinha o pai dela.... Assim a gente somos de Pernambuco, de Timbaúba, aí depois a gente veio pra cá, entendeu? A minha mãe e os filhos. Aí pra falar dos meus avós, eu não tenho muita história porque eu não consigo associar a minha vó, e da parte do meu pai, eles são de Esperança (município da região do Brejo paraibano) e foram pra Boqueirão (município próximo a Queimadas), pra o sertão de Boqueirão no sítio Facão, e aí o meu pai também morreu muito cedo, eu tinha quatro anos de idade, e a gente ficou afastado dos meus avós, aí eu também não tenho lembrança...

Aí minha mãe era de lá, de Timbaúba, meu pai morreu logo cedo, ela trabalhava com tomate, com plantios de tomate. Aí depois nós viemos pra cá, pra Queimadas, eu tinha treze anos, e vim pra cá terminar meus estudos...

Eu não tive contato com avós nem paterno nem materno né, eu não sei nem quantos filhos eles tiveram. Aí minha mãe teve nove filhos e eu tenho três, hoje eu tenho quarenta e três anos, né...<sup>4</sup>

A relação com a vida em uma cidade com uma maior divisão social do trabalho e com a possibilidade de uma participação mais ativa no mercado de trabalho por meio de uma atividade doméstica associada a atividade industrial têxtil.

Sim, na verdade eu aprendi a costurar num curso que eu fiz, né, aí eu me apeguei a costura, aí eu comecei a trabalhar em fábricas, aí eu fui me aperfeiçoando, meus irmãos e minha mãe trabalhavam no roçado, eu não aprendi a costurar com ela não, esse foi meu primeiro emprego, foi esse. Aí quando eu saí, eu montei a minha confecção, faz doze anos que eu trabalho pra mim, eu trabalho com terceirização, trabalho com facção né, aí eles trazem o tecido e a gente faz a montagem da camisa, a gente é tipo, exclusiva da Mioche (marca de confecção da região). Eu trabalho aqui com minha família, meus filhos, meu marido, a família toda vive desse trabalho.<sup>5</sup>

Nas relações exploratórias da sociedade globalizada com os efeitos de desregulamentação das relações de trabalho, temos um contexto no qual a trabalhadora produz no ambiente doméstico com os próprios custos, quanto ao locus da produção e níveis de interferência do território do mundo do trabalho na vida doméstica.

Tem umas três costureira, o resto é família, minha nora e minhas irmãs,

<sup>4</sup> Entrevista com Mauricea Santana Soares Souza, concedida em 31 de outubro de 2017.

<sup>5</sup> Ibidem.

meu marido faz a parte da lateral, e cada um tem uma função, cada um tem uma parte. Aí tem umas máquinas que elas são eletrônicas, outras semi-eletrônica, aí vai dependendo de cada função que a gente necessita.

Eu faço parte da Assembléia de Deus, e trabalha comigo ou a família de casa ou a família da igreja, porque assim, como a demanda é pouca né, não tem necessidade de muita gente.<sup>6</sup>

Com o advento da globalização e a popularização de maquinário produzido no Extremo Oriente, fábricas ou famílias tiveram como acessar esses dispositivos tecnológicos. A dinâmica capitalista pode acessar nesse nível um grupo social para um nível de proletarização isento de um processo de inversões de capital em maquinários, pois no caso em questão as máquinas foram compradas pela família, que também passa por um nível exploratório vinculado à extração das mais valia relativa e além disso não possui direitos trabalhistas, maximizando o lucro da empresa.

Eu me especializei em moda masculina, mas faço outras coisas, faço fardamento pra colégio, universidades, faço blusa, conjuntos, saia, tem eventos que a gente só faz a malha, eventos de igreja, ao todo trabalham aqui nove pessoas.

Eu amo o que eu faço, e sou grata a Deus por ele ter me abençoado”.<sup>7</sup>

Em meio ao processo de proletarização com predominância na informalização do trabalho, por meio da empresa com o recurso a um nível de terceirização da atividade fim, a narradora aponta para um aspecto de conversão religiosa a uma denominação evangélica, que expressa uma dimensão de conformismo com a ordem societal, enquanto expressa a própria capacidade de produzir vestes masculinas ou femininas, conforme o regime de encomendas. Destaca um nível de trabalho numa seção fabril doméstica com o envolvimento de 9 (nove) pessoas em igual condição de precariedade, através do recrutamento de mão de obra para composição da planta têxtil domiciliar junto a outros fiéis da igreja.

A divisão social do trabalho na prática do roçado nos sítios é feita no seio familiar, na unidade produtiva domiciliar. Ou seja, os esquemas implantados na trajetória social desse grupo dos sitiantes, as práticas coletivas deste grupo social, denominadas por Bourdieu (2005) de habitus de classe, reflete o trabalho

---

<sup>6</sup> Ibidem.

<sup>7</sup> Entrevista com Mauricea Santana Soares Souza, concedida em 31 de outubro de 2017.

compartilhado pelos membros da família nuclear, tanto na plantação do roçado, quanto no tratamento do resultado da lavoura, o feijão, o milho, colhido e trazido para o domicílio para ser debulhado por toda família. As gerações anteriores, dos pais e dos avós contavam com uma prole numerosa que era a mão de obra familiar. Na geração atual a família nuclear é bastante menos numerosa do que outrora, o que faz com que o grupo lance mão da “família da igreja”, repondo assim a mão de obra da família nuclear, mas reproduzindo o significado do trabalho familiar e domiciliar herdado do sítio, garantindo, dessa forma, a reprodução social do grupo.

#### 4.2. “Meu marido costura também, ele faz bolsa, faz tudo”

Meus avós já são falecidos, né? Todos os dois, tanto paterno quanto materno. Eles eram agricultores... eu fui nascida e criada na roça, no sítio, sítio Gravatá dos Trigueiras, lá meus pais e meus avós eram agricultores, né? E a gente acompanhava, até os meus 17, 18 anos eu morava no sítio, meu pai botava roçado, eu também, né, acompanhei, aí depois eu casei, né, e vim morar na cidade. A gente lá no sítio, plantava feijão, arroz, a gente não vendia não, sabe? O que a gente plantava era pra passar o ano todinho, porque naquele tempo não tinha isso não, era naqueles depósitos, aí a gente fazia a colheita, milho, feijão, batata doce, verdura... Isso há 40 anos atrás. Porque naquela época a gente não comprava né, a gente tinha verdura, batata doce, essas coisas a gente tinha tudo no sítio.

Aí depois morreu meus avós maternos, com alguns anos morreram o meu avô, pai do meu pai, com pouco tempo faleceu meu pai também, minha vó. Aí minha mãe veio morar aqui (no município de Queimadas). Meu avô materno ele terminou o quinto ano, naquela época. Minha vó paterna, ela era analfabeta, e meu avô também. Os meus avós paternos e maternos, todos os dois, tiveram oito filhos, oito tanto os maternos e oito os paternos.

Teve um tio meu que chegou a se formar, ele mora em Recife, ele é engenheiro, isso da parte de pai. Do lado da minha mãe, ela já é falecida, era uma tia minha que era técnica em enfermagem, morava no Rio de Janeiro. E as outras minhas tias eram tudo costureira, e até hoje ainda são, né, três moravam no Rio, e tem uma que mora aqui.

Meu pai passou um tempo no Rio, e dois tios meu. O resto ficaram tudo por aqui. Só que eles voltaram, né...

Minha mãe teve doze filhos, morreu quatro novinhos, aí se criou-se oito. Inclusive amanhã vai fazer três meses que morreu uma irmã minha né, ela foi fazer uma cirurgia no coração e não resistiu. Com um mês e quinze dias depois, faleceu um irmão meu também, de infarto. Dia 13 de setembro faleceu minha irmã, e dia 27 de outubro faleceu meu irmão. Aí criou-se oito né, aí, faleceu esses dois, ficou seis. Dois homens e quatro mulheres. Em Queimadas só tem eu, uma irmã minha mora em Campina Grande, e outras duas moram no sítio Gravatá. Mora duas irmãs, meus sobrinho, minhas tias, meu irmão, a gente ainda vai lá. Lá é tipo um povoado, sabe? É bem evoluído, quando a gente tem tempo a gente vai.

Minha mãe mora aqui em Queimadas, mora lá no centro, lá na Rua José Maia.

Olhe eu terminei meus estudos né, não me formei por falta de oportunidade, as outras também tem o ensino médio, né, todos eles têm o médio e minha mãe também. Meu pai já faleceu.

O sítio ainda existe, é bem evoluído, você chegando como quem vai pra Boqueirão, perguntando; “Onde é a entrada do Gravatá dos Trigueiras”? Tem uma piscina desse lado (fazendo gestos indicando o lado esquerdo), aí você entra, você vê logo os povoados, uma cidadezinha...

Eu tive dois filhos, um faz trinta e dois para o mês, ele é operador de máquina e tem um com 14 que terminou já né, concluiu o nono, ele fez até a inscrição para o FIES tá aguardando chamada.

Minha mãe costurava, minhas tias eram todas costureiras, né? Aí eu morei um tempo no Rio de Janeiro, aí minhas tias tinham confecção, isso em 80... em 86 Cleiton nasceu... isso foi em 88. Eu fui com meu esposo. Eu morava lá... eu trabalhava a noite no hospital, minhas tias trabalhavam tudo com confecção, eu sempre gostei de costurar, aí durante o dia eu fui aprendendo né, aí me aperfeiçoei, aprendi com as tias... aí vim morar aqui em Queimadas, eu trabalhei muitos anos com costura em fábrica, eu trabalhei na Gumom, trabalhei na Lages, trabalhei na Tirruan, a bordada. Aí foi no tempo que eu tive um problema na mão, coloquei platina, não podia me movimentar, aí eu saí, agora eu trabalho em colégio, sou merendeira e tinha três máquinas, mas vendi uma, agora eu tenho a reto e a *overlock*. Ele também costura (se referindo ao seu atual marido), ele faz artesanato, meu filho também, esses quadros (indicando em direção as paredes da casa) é meu filho quem faz, o mais velho... “Espera aí um tempinho que eu vou olhar o almoço”

Aí eu vim pra costura assim, né? Quando aparece costura eu tô pegando. Porque na época que eu cheguei do Rio, minha mãe, a gente pegava costura de Santa Cruz, era lá no sítio, aí isso com várias máquinas, sabe? Mas, aí devido a problemas na coluna também, sabe? Eu diminuí mais na costura.

Meu marido costura também, ele faz bolsa, faz tudo.

**Gercino Deodato da Silva, 57 anos.** (esposo de Josefa Velez Tavares): Eu trabalho em costura desde os dez, doze anos em Recife, fabricando bolsa de couro, esse tipo de bolsa aí também (com o dedo indicador mirando para a minha bolsa), bolsa pra viagem, entendeu? Cinto, carteira...

**J.V.T. :** O ano passado mermo... Esse ano, tu pegou umas bolsas de Nildo pra fazer num foi?

**G.D.S.:** Foi eu peguei 400 bolsas para as professoras, do colégio do município, ele inclusive foi a um bocado de costureira, só que elas não tinham práticas, aí eles ia fazer o serviço com elas, só que elas não sabiam fazer. De vez em quando ele vem aqui, né? Pra mim só trabalhar com ele. Nildo Bolsas, ele tem uma loja logo aqui pertinho, aí quando ele pega em muita quantidade ele passa pra mim dar uma ajuda a ele, entendeu? Eu aprendi a costurar em Recife, com o meu tio, porque ele tinha uma clientela lá, agora isso era tudo em couro, que é uma mercadoria que é realmente cara, mas é boa e você passa muito tempo com ela o couro tem uma duratividade muito grande. Ele fazia compra de couro em Caruaru. Aí eu peguei prática em todo tipo de máquina, reta, de picota, *overlock*, inclusive pra fazer desenhos.

Aí hoje a gente trabalha juntos, tem vez aí que ela pega, como pegou um fardamento, num foi Dinha?

Cabe destacar que existe também uma flexibilidade com relação à uma produção especializada, o trabalho de costura em couro. Conforme a demanda apresentada por uma empresa, que subcontrata os serviços dessa família e associados, temos também um processo de aprendizagem da costura em couro pelos outros trabalhadores, havendo assim a possibilidade de uma menor remuneração, porque estão ainda nos passos iniciais desse processo de formação para o trabalho em costura. Essa relação também destaca que o contratador Nildo Bolsas subcontrata essa unidade produtiva possivelmente por ser mais econômico e ampliar a rentabilidade com relação ao mesmo tipo de demanda se fosse aplicada aos operários do couro do Cariri paraibano, que pela especialização e organização profissional teria um custo mais alto.

**J.V.T.:** É... assim, em época de setembro, ele ajuda, aí enquanto eu tô numa máquina ele tá noutra, eu faço uma coisa, ele faz outra... A gente pega muito em época de São João também.

**G.D.S.:** É porque aqui é o seguinte, se fosse assim, a gente tivesse uma freguesia, que nem eu vejo em Santa Cruz...

**J.V.T.:** Porque a concorrência aqui é muita também, né?

(A resposta da entrevistada sugere que a concorrência é ampliada em Queimadas, provavelmente, pela mesma prática de subcontratação e de precarização de um operariado cada vez mais assolado pelo capitalismo nas áreas periféricas em busca da alternativa para melhoria da renda familiar)

**G.D.S.:** Aí vamos supor, porque em Santa Cruz é assim, por exemplo, aqui a gente tem duas máquinas, aí eu comprava mais duas, uma ganoleira e a outra, a gente fazia tipo uma máquina pra pegar qualquer tipo, em blusa, em short, aí a gente pegava. As pessoas lá é desse jeito, eu tenho um primo lá que mora lá, ele pega as peças já vem tudo cortadas, aí ele costura por peça, aí pronto, fechar uma camisa assim (indicando para a minha blusa), eles pagam um real, tais vendo? Mais eles tem práticas, enquanto ele pega uma, a mulher tá em outra, isso aí em máquina é ligeiro demais, entendeu?

A narrativa do colaborador sugere uma espécie de fordismo pela dimensão de empresas situadas em regiões periféricas com as linhas de montagem para uma produção em massa, mas sem os encargos trabalhistas e fiscais, pois muito provavelmente essa produção seja distribuída de forma homeopática, em conta gotas por meio dos transportes públicos ou nos alternativos, burlando tanto a justiça do trabalho como a cobrança de impostos.

**J.V.T.:** É igual bainha de calça, bainha de calça é ligeiro demais...

**G.D.S.:** Isso aqui em máquina, pra pregar uma gola dessas (indicando para a minha blusa), quando a pessoa pega a prática é rápido, numa semana eles lá faturam quase dois mil reais.

**J.V.T.:** Tudo é a prática.

**G.D.S.:** Aí quando eles vem me pagar negócio de diária eu digo: “Não!”, tem que me pagar é na produção, o que eu produzir você me paga, é desse jeito... Se eu pegasse numa máquina de manhãzinha, quando fosse de tarde eu tava com os meus duzentos reais, e se for fazer pra pagar salário, eu digo: “Eu num vou fazer em cima de salário”, né? Salário mínimo já tá dizendo, já é mínimo, né? Eu digo: “Vamos fazer o seguinte, eu trabalho na produção, o que eu produzir você me paga”... Na produção, quando der umas quatro horas eu vou é tomar meu banho, eu digo pronto, eu vou trabalhar é no outro dia.

O narrador destaca a questão do trabalho por produção como fator de distinção do trabalho assalariado. Porém a impressão de conquista de um direito perante o contratador demonstra o esgarçamento dos direitos trabalhistas, devido à ausência da carteira assinada de direitos previdenciários. Em outros termos, é um sentido da imediatez da arma dos fracos diante da sanha devastadora do capital, dando a impressão que a venda da força do trabalho é menos danosa, não obstante esconde a armadilha da ausência de muitos direitos em nome do sustento imediato não podendo ser postergado, pois está associado ao tempo da sazonalidade inerente a agregação de recursos à renda familiar, porque o casal também possui outras atividades.

Eu trabalhei aqui mesmo, eu fazia 400 e poucas bolsas, eu dizia: “Vamos fazer o seguinte Nildo, você me paga o que eu produzir”, Nildo é daqui.

**J.V.T.:** Tem muita confecção aqui, muita, muita mermo.

**G.D.S.:** O negócio é o seguinte, Nildo não tem pedido direto, porque como a cidade é pequena, aí ele não tem muito pedido.

Porque eu mesmo tenho muita prática em máquina, uma bolsa rapidinho eu fecho ela, costura reta, eu pego uma máquina dessa vou embora, pra fechar uma blusa dessa eu tenho a maior prática.

Isso aqui mesmo ó (mostrando a mão direita), foi um acidente lá em Recife, quando eu tinha 15 anos, nós trabalhando pra fazer entrega, o médico me deu um mês, eu num passei quinze dia, eu trabalhava com um tio meu...

Quando menciona Recife e o acidente de trabalho e a relação de emprego junto a uma empresa de um tio, em que pese a relação de trabalho em uma empresa igualmente familiar, temos a presença velada dos fiscais do trabalho, mesmo no que toca ao trabalho dos aprendizes e menores, algo cuja implicação de denúncias na Delegacia do Trabalho ou no Ministério do Trabalho poderia reverberar em multa ou indenização.

**G.D.S.:** Bom, a lembrança dos meus avós, olhe, são pessoas muito batalhadeiras, mais eram pessoas que... do campo né, da agricultura, pai plantava é... milho, feijão, mamona, já ouviu falar, né, maracujá. Isso só da parte do meu pai, então lá no sítio era muito bom, de frutas tinham manga, banana, abacate, laranja, entendeu? Aí tinha muito lá, o nome era sítio Amaro.

Isso em Pernambuco, eu sou de Pernambucano. Então, meu pai comprou essa propriedade, antes ele foi combinar com meus avós, ele só comprava se eles fossem pra lá tomar de conta, eles concordaram, e então meus avós foram pra lá tomar conta da propriedade, ficaram lá, o sítio com casa boa. Meu pai dizia: “Eu só vou comprar um sítio cheio de benfeitoria, benfeitoria que eu digo assim é, com bananeiras, tinha uma varge (parte baixa, mais úmida) grande, aí nós plantava cenoura, beterraba, tomate, entendeu?”

Meus avós tiveram oito filhos, o paterno. Meus avós maternos eu tenho, mas não lembro tanto, eu não tenho assim tanta lembrança como da parte do meu pai, entendeu?

Eles não tiveram esse estudo todo, tiveram não... eles se dedicavam muito na agricultura, meus tios parecem que só tem um tio formado, que é Tio João, que mora no Paraná, tio João que é formado lá, em negócio de engenheiro lá... os outros iam pra escola tudo, mais o que eles se dedicavam mais era agricultura, eles não tinham esse gosto de estudo na época, era só agricultura...

Eram aqueles silos grandes, tudo cheio de alimento, de feijão, milho, jerimum, mamona, maracujá, ele trazia toda semana era três carros carregados de burro ou jumento, trazia pra feira, ele lucrava no maracujá, porque maracujá ele tira toda semana... Então ele tinha uma renda muito boa, meu avô, fazia farinha, entendeu? Lá na casa de farinha lá próximo, eu ajudava também nesse processo, fazia aquele beiju tradicional, entendeu? Então era época de fartura, mesmo, isso no Pernambuco, sítio de Amaro, município de Brejo da Madre Deus, então a gente chegava lá, os trabalhador chegava lá, o café da manhã era que nem o almoço, era cuscuz, batata doce, banana cozida, era macaxeira, entendeu? Era bucho cheio mesmo, leite, ele tinha umas vacas, tinha o leite, todo mundo queria trabalhar pra eles. Tinha aquele pessoal que não lucrava ele dava, dava jerimum, arroz, dava um bocado de feijão, “tem umas mangas? Tem, tire! suba no pé, não derrube as verdes, tire”, era assim, dava banana, leite. Ele não vendia um litro de leite pra quem precisava não, ele dava, “traga seu litrin que eu lhe dou, pra sua nenenzinha”. Aí, Deus abençoava, no outro dia a vaca produzia, dava mais leite, meus avós eram desse jeito, tudo de bucho cheio, a época era de fartura mesmo. Ele se dedicava muito na agricultura, eles aproveitavam até a lua, noite de lua pra tá assim, aguando a lavoura, eles acordavam bem cedid.

Meus pais, olhe meus pais são tudo de Pernambuco, meu pai ele é filho do meu avô, né? A minha mãe, minha mãe faleceu muito nova minha mãe faleceu com trinta e três anos, meu pai casou de novo, tenho uma lembrança pouca dela, porque eu era muito pequeno. Aí tinha um irmão com dois anos e outro com três que acostumaram a chamar minha madrasta de mãe, eu não acostumei, porque eu tinha uns 7 anos, aí não me acostumei a chamar minha madrasta de mãe, mas foi uma segunda mãe pra gente, foi ótima, ótima.

Lá em casa pai teve doze filhos, aí morreu seis, criou-se seis. Tudo da minha mãe, com minha madrasta não houve nenhum, foi tudo da primeira. Aí meus avós tiveram oito, minha mãe teve doze e criou-se seis, quatro homens e duas mulher, era antigamente era assim.

Na época dos meus avós, meus tios, eles não se dedicavam em estudo não, o negócio deles era a agricultura, era, gostava muito e plantava, botava quarteirão grande, era mantimento pra casa, era tudo de muito... Nos silos a gente comprava aqueles venenos pra não dar bicho, quando era um ano que não dava bom de lucro, mais nos silos tinham mantimentos pra se manter.

Meu pai trabalhava como vendedor de cenoura, aí ele levava a gente também, a gente já morava na rua, na cidade de Brejo da Madre Deus, eu só ia lá no sítio nas minhas férias, porque eu gostava e ficava lá, entendeu?

Então, meu pai ele, se muito fez, fez a terceira série, e meus irmãos teve um que chegou a terminar o segundo grau, teve outro que não...

E eu, eu primeiramente fui pra Campina Grande, através de um compadre meu, que era lá de Brejo da Madre Deus também, Oziel, ele trabalhava na Coca Cola, nessa época, então ele via aquele esforço meu, aquele serviço pesado, no campo, trabalhando com meu pai, no plantio de cenoura que ele tinha, porque ele plantava ela, aí ela tinha que chegar no ponto, ensacar ela, lavar, tinha aquele processo todo, era muito trabalhoso, e ele vendo aquilo daqui, eu chegava de cinco da tarde, chegava em casa tomava um banho, jantava pra ir pro colégio, chegava no colégio, dormia, cansado, a professora dizia; "Mais Gercino, rapaz", eu digo; "Eu tô cansado de trabalhar professora", não é como hoje, a gente foi criado assim... E então, aí esse colega meu disse; "rapaz eu vou arrumar um emprego pra tu na Coca Cola", Eu disse; "arrume rapaz". Ele disse; "você vem"? Eu digo; "vou, arrume"! Aí arrumou pra mim, ajudante de pintor, porque ele trabalhava de pintor letrista. Quando foi com um mês mais ou menos ele ligou pra mim, pode vim que o emprego tá certo. Na época eu tinha uns 38 a 40 anos, por aí. Eu saí lá do Pernambuco pra vim aqui trabalhar. Eu saí de Brejo da Madre Deus pra vim trabalhar né? Eu deixei minha esposa lá, na época eu era casado com outra não com Dinha, aí vim embora, deixei ela lá na casa do meu pai e eu disse, quando eu estiver bem estabelecido lá em Campina e tiver dando certo, aí eu arrumo um cantin arrumo uma casinha aí eu venho buscar vocês, aí eu vim pra cá e graças a Deus deu certo, aí eu passei uns tempos em Campina, aí através de um amigo meu, o Sergio, ele morava aqui em Queimadas, aí eu pagando aluguel lá, aí Sergio disse; "Rapaz Queimadas o aluguel é bem mais barato e é perto de Campina", aí eu digo; "E mermo Sérgio?" Ele: "É pô, e é uma cidade tranquila", eu digo, tá certo. Aí eu vim num dia de domingo aí e arrumei uma casinha, aí eu disse, eu vou morar em Queimadas. Aí desse período já vai fazer uns vinte e cinco anos que eu tô morando aqui em Queimadas, aí conheci ela (Dinha), me separei da outra, não deu certo, entendeu?

**J.V.T.:** Eu estava separada

**G.D.S.:** Aí ela também passou por uma passagem também, que não deu certo também, né? Aí a gente se conheceu e eu disse, vamos tentar, pra ver se dar certo, e estamos aí vivendo a vida né... Vai fazer dez anos e nós estamos aí...

**J.V.T.:** Aí a vida da gente é essa, né?

**G.D.S.:** Eu trabalho, ela trabalha...

**J.V.T.:** Ele trabalha de vigia, final de semana e feriado, e eu trabalho...

**G.D.S.:** Eu trabalho pela prefeitura, né? (Profissão: vigia nos dias feriados e fins de semana e operário terceirizado numa unidade doméstica na sazonalidade da produção)

**J.V.T.:** E hoje ele não tem contato com o sítio dele, mas eu tenho que é pertin, daqui pra lá é vinte minuto. Eu sempre vou lá e pretendo fazer uma casa pra mim pra quando eu me aposentar eu ficar lá, só criando minhas galinhas, porque assim, eu num moro lá, porque casa tem pra morar!mas eu num moro lá porque assim, tem o colégio do menino, o

trabalho dele (Gercino), meu trabalho, que eu pego de uma às seis horas e pego de sete da noite, porque antes eu era prestadora do estado, aí o estado terceirizou, aí eu trabalho pra uma firma chamada InSaúde.

**G.D.S.:** Eu sou muito prático de aprender as coisas sabe, eu vendo você fazendo uma coisa, eu gosto muito de olhar e aprender, eu sou muito curioso em aprender, se a pessoas disser, “rapaz eu faço uma coisa”, mas se ela fizer na minha frente e eu olhando, já era! Eu aprendo na hora, eu tenho muita facilidade de aprender as coisas, eu gosto muito de ter curso pra aprender as coisas, e praticando é que eu aprendo fácil. Com a costura foi assim também, rápido, num instante eu aprendi, meu tio ficou besta, aí aprendi a costurar, aprendi a fazer modelagem de bolsa, os modelo lá tudinho, ele só confiava neu, porque né todo mundo que sabe cortar bolsa, tem pessoa que desperdiçava muito, aí eu não, eu cortava e ele ficava besta. Às vezes enquanto ele cortava o pedaço certo pra fazer vinte bolsa, eu ia lá e fazia vinte duas, ele dizia; “Oxen, como danado tu fez isso?”, e eu; ué, eu aumentei né, tio.

**J.V.T.:** É porque tudo é a prática não adianta, eu conheço gente, que tem curso e que não sabe sentar numa máquina, não adianta você ter o curso e não praticar, porque essas máquinas ela precisa muito de habilidade. Pronto, minha mãe é costureira, ela faz até vestido de noiva, mas ela não sabe costurar nessas máquinas, porque se você pisar ela vai embora...

**G.D.S.:** Essa máquina é rápida, muito rápida...

**J.V.T.:** É pela prática, eu nunca fiz curso não.

**G.D.S.:** Eu também não, eu peguei na prática.

**J.V.T.:** Mas se você disser, assim, faça uma calça pra mim, eu faço.

**G.D.S.:** Olha eu botei uma coisa na minha mente aqui. Porque o pessoal me pergunta se eu fiz algum curso. Mas na minha mente aqui eu faço tudo, eu botei na cabeça de fazer esses artesanatos pela casa e fiz, eu boto na mente e faço, esses jarros, tudo é que eu invento, porta-chave, porta-retrato, porta-guardanapo, do mesmo jeito é na costura...<sup>8</sup>

**Figura 2** - Foto de Josefa Tavares na empresa Gonçalves Monteiro (Gumont).



**Fonte:** Arquivo pessoal da entrevistada

<sup>8</sup> Entrevista com Josefa Velez Tavares e Gercino Deodato da Silva, concedida em 12 de dezembro de 2017.

As narrativas também mostram a ligação com o mundo rural e a reprodução das práticas familiares do universo do roçado para o universo semi-industrial urbano. As narrativas destes protagonistas também incluem a nova realidade no contexto neoliberal, dos contratos dos terceirizados. Ambos garantem uma renda mínima como prestadores de serviços em tempo parcial para as instituições públicas. Observamos que o trabalho familiar domiciliar é a preferência dos entrevistados, reproduzindo os costumes rurais do trabalho no seio familiar, e que, supostamente, lhes proporciona mais autonomia, independência e produtividade. Verificamos, portanto, a reprodução do habitus do grupo social dos sitiantes, para garantir sua reprodução social numa nova atividade urbana.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A História Oral de vida tem sido uma aliada muito importante para iluminar as práticas sociais das comunidades estudadas e aprofundar o olhar através das histórias ancestrais. Como metodologia a História Oral de Vida tem sido uma ferramenta crucial para analisar as entranhas das relações sociais, de como é elaborado e desenvolvido o habitus do grupo social estudado. Através das narrativas podemos entender como o desenvolvimento desses grupos sociais evolui no tempo e no espaço e traçar um perfil social e antropológico mais condizente com a realidade dos atores sociais. As transcrições das histórias de vida ajudam numa compreensão mais clara sobre a reprodução social dos grupos estudados.

No caso deste estudo, a dinâmica antropológica, sociológica e histórica apresenta-se diante da inflexão relacionada à mudança de trajetórias familiares com processos migratórios, busca por ampliação das rendas e subproletarização no contexto da economia globalizada, conforme as demandas sazonais de empresas por serviços de costura. Os subcontratados familiares ou associados a essa condição representam uma fração de um operariado cada vez mais internalizado nas cidades periféricas do Nordeste brasileiro, cuja dinâmica de organização sindical é inexistente no setor têxtil.

A pesquisa sugere que a ilusão do combate ao assalariamento com a escolha dos subproletarizados a partir da crença de um ganho maior pelo regime da produtividade é associado à cultura do empreendedorismo da empresa familiar em questão. Ou seja, os subproletarizados de Queimadas tendem a abrir mão de direitos trabalhistas, quer pela ausência de um sindicato em uma atividade recente na cidade (cuja predominância é atividade agrícola, mantendo a renda do município pelo Fundo de Participação e pelas aposentadorias dos idosos) em uma fase da história brasileira de profundo combate às tradições organizativas dos trabalhadores e da esquerda política; de desmantelamento da Justiça do Trabalho; e , de expansão de credos religiosos meramente contemplativos, ignorando problemas sócio políticos e do mundo do trabalho, sendo um terreno fértil a ampliação dos lucros por meio do estabelecimento de células produtivas em diversos municípios, que podem complementar a atividade produtiva, emulada pela concepção produtividade de determinadas turmas.

A condição do estabelecimento de turmas informais de aprendizes também ligadas à uma denominação religiosa tende a estabelecer igualmente uma passividade com relação aos conflitos de classe, inerentes à posição desses trabalhadores subproletarizados, que afinal não veem a figura do empresário, tendendo a ver a si próprios e o tempo como inimigos da produtividade e da obtenção de ganhos, tendo que se auto explorar também se quiserem adquirir máquinas compatíveis as demandas postas por um mercado balizado por disputas produtivas nas periferias.

Quando o narrador destacou a capacidade de aprendizagem pela observação de várias atividades e quando refletimos essa condição ao caráter específico da unidade familiar subproletarizada, podemos concluir ser uma característica símile a do Toyotismo, quando se volta para a capacidade de resolução dos problemas pelo operador da máquina, bem como pela condição de aperfeiçoar a própria dinâmica produtiva pela capacidade de economizar recursos técnicos e solucionar os problemas correntes na produção, sem ocorrer qualquer adição ao seu ganho por essas habilidade técnicas.

Por fim, um aspecto antropológico que merece destaque é quando a narradora menciona a produção da unidade familiar subproletarizada (com nove pessoas) para roupas para eventos da igreja, afirma ser grata “a Deus por ele

ter me abençoado” apresentando uma dimensão religiosa oriunda de família católica de uma área rural, passando a se associar a um culto de uma denominação evangélica (curiosamente o termo “protestante” tem sido rejeitado no Nordeste por um pensamento de rejeição à ideia do protesto, que afirma um sentido de conflito), que tende a plasmar visões refratárias aos conflitos de classe em uma fase de flexibilização das normas trabalhistas e de fortes apelos para o empreendedorismo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BURNETT, Annahid. **Vozes da Sulanca**. Alemanha: Editora NEA, 2016.
- CORREIA DE ANDRADE, Manuel. **A terra e o homem no Nordeste: Contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- FENELON, Dea Ribeiro. **Caráter e Natureza do Sistema Colonial Português**. São Paulo: HUCITEC, 1974.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)
- LOPES, José. **Terra Tataguçu: Retalhos da história de Queimadas**. 1. ed. Campina Grande: RHCG, 2015.
- MARIZ, Celso. **Evolução econômica da Paraíba**. 2. ed. João Pessoa: A União Companhia Editora, 2007.
- MARX, Karl. **Le Capital– Critique de L’Économie Politique, Livre Premier, Le Développement de La production Capitaliste**, Traduction de Joseph Roy et entièrement révisée par l’auteur. Paris: Éditions Sociales, 1959.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- RILEY, Dylan. **A teoria de classes de Pierre Bourdieu**. Estudos Sociológicos. Araraquara v.24 n.46 p.181-210 jan.-jun. 2019.
- SOBRINHO, Reinaldo de Oliveira. **Anotações para a história da Paraíba**. 1. ed. Paraíba: Ideia, 2002.
- TAVARES, V. C. **A percepção dos agricultores rurais do município de**

**Queimadas/ PB sobre a degradação do bioma Caatinga.** Acta Geográfica, Boa Vista, v. 12, p. 74-89, 2018.

**FONTES ORAIS (Nomes Reais)**

SOUZA, Mauricea Santana Soares. Trabalha comigo ou a família de casa ou a família da igreja. História Oral concedida em 2017.

TAVARES, Josefa Velez; SILVA, Gercino Deodoro da. Meu marido costura também, ele faz bolsa, faz tudo. História Oral concedida em 2017.

*Recebido em 04 de outubro de 2021.*

*Aprovado para publicação em 05 de novembro de 2022.*